

## **Hermenêutica e comunicação: contribuições para compreender a teoria da interpretação e sua aplicação na sociedade midiática**

Denise Cristina Ayres GOMES<sup>1</sup>

### **Resumo**

O artigo compara diversos enfoques teóricos sobre a teoria da interpretação a partir de autores como Schleiermacher e a hermenêutica universal; Dilthey e o caráter metodológico; a fenomenologia de Heidegger; e as relações com a história e a linguagem segundo Gadamer e Ricoeur. O texto faz ainda um contraponto entre as contribuições dos pensadores que concebem a teoria da interpretação a partir da comunicação destacando a hermenêutica crítica de Habermas, a teoria da pós-modernidade de Vattimo e a hermenêutica de profundidade de Thompson.

**Palavras-chave:** Hermenêutica. Comunicação. Interpretação.

### **Abstract**

The article compares various theoretical approaches to the theory of interpretation from authors such as Schleiermacher and universal hermeneutics, Dilthey and methodological character; phenomenology of Heidegger, and the relationship of hermeneutics with history and language second Gadamer and Ricoeur. The text also makes a contrast between the contributions of thinkers who conceive the theory of interpretation from communication highlighting the critical hermeneutic of Habermas, theory of postmodernity of Vattimo and depth hermeneutic of Thompson.

**Keywords:** Hermeneutics. Communication. Interpretation.

### **Introdução**

O termo ‘hermenêutica’ assumiu diferentes acepções conforme as épocas e pode ser dividido em três fases distintas. A tradição clássica do século XVII designa a

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Comunicação Social pela PUCRS. Professora da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Pesquisadora do G. Mídia – CNPQ. E-mail: dayres42@gmail.com

hermenêutica como a arte de interpretar textos. A compreensão do sentido se desenvolveu ligada às disciplinas teologia e direito e adquiriu um caráter essencialmente normativo com o intuito de estabelecer regras para a interpretação de textos bíblicos e jurídicos.

A segunda corrente surgiu no século XIX com o pensador Schleiermacher que ampliou o objeto da hermenêutica introduzindo a concepção de que a fala deveria ser interpretada e não somente os textos escritos. O filósofo conferiu um caráter psicológico à hermenêutica que recriaria o universo do autor. Outro expoente do mesmo século foi o filósofo alemão Wilhelm Dilthey que atribuiu um sentido metodológico à hermenêutica. O teórico propôs refletir sobre os métodos constitutivos das ciências. Partindo de Kant, ao qual é atribuído o desenvolvimento de uma metodologia para as ciências exatas, Dilthey apresentou a fundamentação das ciências humanas sob os pilares da lógica, epistemologia e metodologia.

No século XX, o filósofo Martin Heidegger realizou a transformação radical no conceito de hermenêutica, concebendo-a como um processo de interpretação da própria existência humana e não mais uma metodologia aplicada aos textos ou às ciências. Heidegger operou a chamada “virada hermenêutica”, destacando o caráter fenomenológico da filosofia que remete à compreensão do próprio ser.

Na trilha aberta por Heidegger, destacam-se os teóricos Gadamer e Ricoeur que aplicam a hermenêutica para compreender a sociedade midiática. Esses teóricos desenvolveram a interpretação aplicada às ciências humanas considerando os vieses histórico e linguístico e consideram os fenômenos comunicacionais imprescindíveis para a interpretação da realidade.

O filósofo da escola de Frankfurt, Jürgen Habermas, contextualizou os atos comunicacionais sob o prisma histórico e social criando a chamada hermenêutica crítica. Outro pensador importante para a comunicação é Gianni Vattimo que se dedicou a estudar a pós-modernidade, época caracterizada pela explosão de subculturas que adquiriram visibilidade devido aos meios de comunicação e às novas tecnologias. Por fim, o sociólogo John Thompson propôs um aparato metodológico para analisar as formas simbólicas mediadas pelos meios de comunicação de massa, denominado hermenêutica de profundidade.

A contextualização histórica da hermenêutica, partindo das contribuições de autores que se apropriaram da teoria da interpretação, é imprescindível para compreender a realidade contemporânea em que os meios de comunicação permeiam as relações sociais e produzem sentidos.

## **Hermenêutica: sentidos e rupturas**

A hermenêutica pode ser dividida em três grandes correntes. De acordo com Grondin (2012), o sentido clássico está relacionado à arte de interpretar textos e cada disciplina desenvolveu regras próprias. A teologia se preocupou em interpretar textos bíblicos; o direito se dedicou à interpretação correta da lei; e no Renascimento, a filologia se ateu aos clássicos. A hermenêutica possuía um caráter essencialmente normativo e se desenvolveu procurando estabelecer regras para interpretar o sentido do texto escrito.

O termo hermenêutica surgiu no século XVII, no título da obra do teólogo Conrad Dannhauer que se dedicava a interpretar textos sacros. “A interpretação (*exponere, interpretari*) é aqui o método ou a operação que permite alcançar o *entendimento* do sentido, o *intelligere*.” (GRONDIN, 2012, p.17). A palavra hermenêutica deriva do verbo grego *hermeneuein* que possui um duplo significado: refere-se à elocução, à expressão em voz alta e também diz respeito à interpretação.

No latim a palavra hermenêutica é *interpretatio*, que deu origem ao termo “interpretação” em Português. Os gregos concebiam a elocução como um processo em que o sentido se traduzia em palavras e a explicação do sentido aconteceria do exterior para o interior do discurso. As regras da hermenêutica procederam da retórica que procurava manifestar o pensamento de modo eficaz.

Na hermenêutica medieval, o pensador de destaque é Santo Agostinho. O teórico estabeleceu regras para a interpretação dos textos bíblicos distinguindo o sentido próprio do sentido figurado, utilizado para que as pessoas pudessem compreender com mais facilidade. As regras propostas por Agostinho influenciaram a exegese medieval e repercutiram até o século XIX, quando Schleiermacher conferiu outro enfoque à hermenêutica.

## **A hermenêutica universal de Schleiermacher**

A hermenêutica adquiriu novos contornos com Friedrich Schleiermacher que, no século XIX, propôs a teoria universal unificando as disciplinas do direito, a filologia e bíblica. Segundo o autor (1988), a arte da interpretação necessitava de regras para que se pudesse compreender corretamente o que foi expresso por alguém. A partir da língua, seria possível entender o sentido do discurso porque compreender significa trazer à consciência o que está na base do discurso

Schleiermacher concedeu um caráter metódico e psicológico para a hermenêutica que deveria reconstruir o discurso e reproduzir o processo criativo do autor da obra o mais fidedignamente possível. A concepção universal da teoria interpretativa de Schleiermacher podia ser aplicável a qualquer discurso e não somente à palavra escrita como propunha a hermenêutica clássica. O autor considerava que o discurso falado também era passível de interpretação porque o interlocutor o ressignifica e compartilha o mesmo contexto histórico que ocorre a enunciação.

O chamado círculo hermenêutico de Schleiermacher relacionou as expressões linguísticas à totalidade da linguagem e conectadas ao pensamento do autor. A obra faz parte de uma época e, para compreendê-la, é imprescindível conhecer a linguagem e a história de seu tempo. De outro modo, para o entendimento do todo, é preciso ter acesso as suas partes.

## **Dilthey e a hermenêutica metódica**

Na segunda metade do século XIX, a hermenêutica adquiriu um caráter metodológico com Wilhelm Dilthey que buscou estabelecer métodos que fundamentassem as ciências humanas. As ciências exatas se baseavam na metodologia de Kant que, criticando a metafísica, transformou a filosofia em uma metodologia aplicada para a essas disciplinas.

Opondo-se ao positivismo comtiano, que atribuía às ciências humanas a mesma base metodológica das ciências naturais, e ao idealismo hegeliano, Dilthey procurou compreender as ciências humanas a partir de suas manifestações. O autor pretendia

fundar as ciências do entendimento sob as categorias lógica, epistemológica e metodológica.

Para Dilthey, a partir dos sinais exteriores, é possível compreender a individualidade. “Chamamos entendimento o processo pelo qual conhecemos um interior pelo auxílio de sinais percebidos desde o exterior por nossos sentimentos.” (DILTHEY, 1947, p. 313). A partir das manifestações escritas, o sentimento vivenciado pelo autor de uma obra poderia ser recriado. Dilthey associou a hermenêutica ao texto escrito e estabeleceu a interpretação como modelo de compreensão que conferiu as bases metodológicas para as ciências humanas.

A hermenêutica das ciências humanas para Dilthey é resultado da experiência, da expressão e do entendimento que condicionam sua validade universal, em que a interpretação é a busca do próprio sentido da vida e da história. Dilthey estabeleceu uma teoria filosófica que proporcionou as bases das interpretações históricas. A hermenêutica diltheyana influenciou profundamente autores como Heidegger e Gadamer que ampliarão o sentido histórico para uma hermenêutica existencial.

## **A hermenêutica da facticidade de Heidegger**

A teoria da interpretação mudou completamente de estatuto com Martin Heidegger. Deixando de lado a interpretação de textos e as ciências humanas, o filósofo alemão tomou a própria existência como objeto da hermenêutica. A abordagem heideggeriana elevou a hermenêutica de um sentido técnico ou metodológico para adquirir um caráter fenomenológico que se confundia com a própria ontologia.

O método de Heidegger é ontológico porque investiga a existência humana, isto é, o *Dasein*. “[...] o *Dasein* é o ente que compreende o ser, o que significa compreendê-lo em sua existência e entender a existência como possibilidade sua, de ser ou de não ser si mesmo, com a qual está concernido.” (NUNES, 2002, p.12). Para o autor, a existência humana procurou ocultar sua finitude, e o objetivo da hermenêutica é compreender seus fundamentos e colocar o homem como tema principal da filosofia.

O entendimento para Heidegger é uma capacidade, um saber fazer, funda-se em um projeto, é a possibilidade do homem de se desdobrar. “Ou seja, o entendimento se

dá no seio de uma estrutura de antecipação, de uma antecipação de significatividade, regida pela existência e por sua necessidade de orientação.” (GRONDIN, 2012, p.47).

A linguagem, segundo Heidegger, pertence ao domínio da metafísica e é concebida fora do âmbito da representação. A linguagem não se reduz à capacidade de se comunicar, mas corresponde ao ser, algo que diz respeito ao homem. A afirmação heideggeriana de que a linguagem é a casa do Ser (1973), significa que a linguagem fundamenta a relação do Ser com sua própria existência.

A linguagem e o discurso são essenciais para que os seres humanos interajam e ambos propiciam as condições necessárias para se entender o *Dasein*. O pensar também ocorre na linguagem e “deixa-se requisitar pelo ser para dizer a verdade do ser.” (HEIDEGGER, 1973, p. 347). A hermenêutica existencial ou da facticidade marcou o século XX e influenciou autores como Gadamer e Ricoeur.

## **Os herdeiros de Heidegger**

Hans-Georg Gadamer foi aluno de Heidegger e retomou a concepção do mestre sobre o entendimento para estabelecer as bases da verdade nas ciências humanas. Gadamer criticou a postura excessivamente metodológica de Dilthey em relação às ciências humanas. O humanismo deveria ser a base das ciências humanas que contribuiriam para educar e formar indivíduos capazes de julgar, enquanto o senso comum, resultado dessa formação, deveria ser justo e elevar o homem.

O positivismo impôs uma visão única nas ciências sociais desenvolvendo a metodologia que concebeu a neutralidade do sujeito cognoscente livre de pré-juízos em relação ao objeto. Em “Verdade e Método” (1999), Gadamer recusou esse pressuposto e recorreu à arte para abordá-la como uma experiência estética que conduziria à verdade. A arte estabeleceria um jogo em que o sujeito se deixaria levar para uma outra realidade que transcenderia a própria obra.

O conceito de “trabalho da história” ou a historicidade das obras é importante para Gadamer porque a condição hermenêutica está atrelada à tradição e, por meio do todo, compreende-se o individual e vice-versa. “A antecipação de sentido, na qual está entendido o todo, chega a uma compreensão explícita através do fato de que as partes que se determinam a partir do todo determinam, por sua vez, a esse todo.”

(GADAMER, 1999, p. 436). A visão histórica permite que se tenha consciência dos limites do entendimento. A consciência se abre a novas possibilidades quando reconhece sua finitude.

Enquanto a hermenêutica heideggeriana está atrelada ao Ser, a experiência hermenêutica gadameriana reside na linguagem. Gadamer fez uma réplica à afirmação do mestre, discordando deste quando afirmava que a linguagem é a casa do ser e acrescenta que a linguagem também é a casa do homem porque a compreensão do Ser dependeria desta.

Para Gadamer, entender significa traduzir o sentido, por isso, a interpretação é um processo eminentemente linguístico e simbólico. Todo pensamento depende da linguagem e o entendimento está afeito a uma perspectiva dialógica que se amplia em possibilidades. “A linguagem é a linguagem da própria razão.” (GADAMER, 1999, p.585). O entendimento é compreendido na linguagem que também expressa o objeto a ser conhecido. A visão gadameriana concebe a linguagem como fundamental para que o homem se comunique e seja capaz de compreender o ser. A linguagem proporciona interação e marca a presença humana no mundo.

A linguagem também é objeto de reflexão de Paul Ricoeur, herdeiro de Heidegger. Segundo ele, a linguagem não apenas descreve, mas revela e cria a realidade porque medeia o contato do homem com o mundo. A vida é assim, um “tecido de histórias narradas” (RICOEUR, 1985, p.356) em que o trabalho hermenêutico, isto é, de reinterpretação da experiência e da reapropriação de sentido, evita a repetição da experiência e a errância do Ser.

A imaginação possibilitou que o homem refizesse a compreensão de si mesmo. A multiplicidade das significações emerge da linguagem e, tanto as narrativas de ficção quanto as obras historiográficas recriaram o mundo da ação e sua dimensão temporal. A ficção atribuiu novos significados à realidade prática ao reinterpretar e transformar o mundo. “A espiral hermenêutica concretiza-se na solução narrativa para a problemática temporal, por uma passagem da pré-compreensão do mundo da ação à transformação do mundo do leitor (mudando o seu agir).” (RICOEUR, 1986, p.11).

A hermenêutica de Ricoeur consiste em um guia de orientação de leitura que visa à compreensão da obra, seja de cunho teórico ou poético, do discurso ou da ação. A interpretação possui um laço mimético e simbólico com a realidade porque se constitui

em uma “articulação ‘significante’ da estrutura compreensível do ser-no-mundo.” (RICOEUR, 1986, p. 100).

## **A hermenêutica em autores ligados à comunicação**

Após o percurso histórico entre as várias concepções sobre a hermenêutica, abordando-a de diversas maneiras, o artigo destaca teóricos que se voltaram a analisar a interpretação de sentidos considerando os meios de comunicação de massa. O estudo pontua a teoria da ação comunicativa de Jürgen Habermas; a hermenêutica da pós-modernidade de Gianni Vattimo; e a hermenêutica de profundidade de John Thompson.

O filósofo e sociólogo da escola de Frankfurt, Jürgen Habermas, propôs um novo conceito de razão à luz da comunicação; trata-se da ação da teoria comunicativa. Esse modelo se opõe à razão instrumental imposta pela modernidade e supera a visão kantiana de razão subjetiva que seria capaz de direcionar os destinos do homem. A razão comunicativa habermasiana não se constitui em uma capacidade humana, inata, mas foi essencialmente dialógica, dependente da interação entre os indivíduos.

[...] eu pretendo arguir que uma mudança de paradigma para o da teoria da comunicação tornará possível um retorno à tarefa que foi interrompida com a crítica da razão instrumental; e isto nos permitirá retomar as tarefas, desde então negligenciadas, de uma teoria crítica da sociedade (HABERMAS, 1984, p.386).

A racionalidade para Habermas é um “procedimento argumentativo pelo qual dois ou mais sujeitos se põem de acordo sobre questões relacionadas com a verdade, a justiça e a autenticidade.” (FREITAG, 1988, p.59). Na ação comunicativa, os indivíduos têm a pretensão de validar o discurso como algo verdadeiro a partir de argumentos que o interlocutor pode contestar, fundamentando-se em outros argumentos. Todas as verdades, instauradas na modernidade, podem ser questionadas. As normas e os valores precisam de justificativas, e as relações sociais se baseiam na dialogia, no entendimento mútuo para se alcançar o consenso a partir do melhor argumento.

A teoria da ação comunicativa concebe a comunicação como elemento primordial da ação. O entendimento recíproco entre as partes acontece a partir do diálogo, da interação, em que se alcança um acordo racional por meio da linguagem. A



ação comunicativa se distingue da ação estratégica ou instrumental. Enquanto esta utiliza os indivíduos para obter o que deseja, a ação comunicativa procura alcançar uma base comum a partir de argumentos.

As relações interpessoais são permeadas pela linguagem. Ao falar, o indivíduo busca instituir um critério de verdade ao que é dito. A teoria da ação comunicativa confere especial importância às regras e às condições ideais de comunicação que estejam livres de coerção e em simetria para instaurar o processo argumentativo. O acordo entre os indivíduos ocorre quando se validam as proposições e a legitimidade das normas. Habermas propôs um modelo ideal de ação comunicativa como base para a organização da sociedade.

## Vattimo: a hermenêutica como narrativa da pós-modernidade

Se a tarefa hermenêutica, segundo Habermas, processa-se no agir comunicativo, uma vez que a interpretação ocorre dialogicamente, o filósofo Gianni Vattimo ressalta que o caráter hermenêutico do pensamento somente pode ocorrer a partir do diálogo com a tradição. Tomando como ponto de partida a obra de Heidegger, o filósofo construiu sua tese sobre a pós-modernidade, época caracterizada por verdades contingentes e históricas, por isso, relativas e frágeis.

Se a modernidade se define como a época da superação, da novidade que envelhece e é logo substituída por uma novidade mais nova, num movimento irrefreável que desencoraja qualquer criatividade, ao mesmo tempo que a requer e a impõe como única fonte de vida, se assim é, então não se poderá sair da modernidade pensando-se superá-la. (VATTIMO, 1985, p.171).

Para Vattimo, a hermenêutica deve considerar seu caráter eminentemente histórico e não mais objetivar-se constituir como uma teoria totalizante capaz de interpretar a existência humana como desejava Heidegger. Em meio à crise dos metarrelatos, em que a verdade se tornou um evento, Vattimo defende que a hermenêutica é a narrativa da pós-modernidade. Retomando a concepção de Nietzsche e Heidegger do Ser como evento, o autor propõe que a interpretação consiste na compreensão da condição humana em sua existência concreta. A interpretação do

presente perdeu a condição de estabelecer uma verdade, instaurando-se como uma versão possível e contingente.

A história contemporânea se caracteriza por ser uma época de simultaneidade proporcionada pelo desenvolvimento dos meios de comunicação de massa (*mass media*). A “sociedade da comunicação”, como define Vattimo (1992, p.19), é “caracterizada por uma intensificação da troca de informações” que acarretou na dissolução da perspectiva moderna ao fazer emergir culturas particulares e novos pontos de vista.

Os *mass media* possibilitaram a explosão de diferentes visões de mundo e o reconhecimento da diversidade cultural. Esse relativismo modificou a concepção de mundo e da história baseada em uma única perspectiva. A experiência do presente ocorre no confronto de culturas e na sucessão de imagens construídas pelos *mass media*. A pós-modernidade, para Vattimo, rompe com a busca de sentido baseada na tradição e estabilidade, impondo a realidade construída pelo fluxo de imagens onde tudo se transformou em mercadoria.

A atividade hermenêutica deriva do próprio reconhecimento do novo sentido da realidade construído pelos *media* e não mais na interpretação baseada nos moldes modernos e tecnocientíficos. A pós-modernidade é marcada pela pluralidade, instabilidade e o desgaste do ‘princípio de realidade’. O conceito de interpretação se tangibiliza na própria experiência do mundo.

## O enfoque sócio-histórico da hermenêutica de profundidade

O sociólogo John Thompson retomou as ideias de autores como Dilthey, Heidegger, Gadamer e Ricoeur, que consideram as formas simbólicas objeto de análise da hermenêutica, para propor um novo referencial metodológico. O autor apresenta o método interpretativo da hermenêutica de profundidade (HP), que consiste em três etapas de análise e considera tanto o caráter objetivo e formal do campo analisado, quanto sua dimensão subjetiva e essencialmente simbólica. Para o autor, o mundo sócio-histórico se configura, ao mesmo tempo, em um campo-objeto e um campo-sujeito.

Thompson confere um caráter mais metodológico à abordagem hermenêutica, a exemplo de Dilthey que rompeu com o formalismo kantiano e o positivismo comtista. O autor também destaca a herança de Heidegger que concebe a questão ontológica como objeto da hermenêutica, isto é, a própria existência humana devendo ser interpretada e não apenas textos ou ações.

Para Thompson, a importância da obra de Gadamer reside na concepção da historicidade da experiência humana que assinala o caráter sócio-histórico das produções simbólicas. A experiência nova para Gadamer sempre carrega marcas do passado e é preciso ligá-la a uma tradição. A contribuição do pensamento de Ricoeur consiste em superar a abordagem eminentemente ontológica e conceber a hermenêutica como uma reflexão filosófica e metodológica. De acordo com Thompson, o filósofo francês também teria concebido uma Hermenêutica de Profundidade (HP), de cunho mais objetivante e atrelado à semântica do texto. A HP proposta por Thompson acentua o contexto sócio-histórico das produções simbólicas.

Na obra “Ideologia e cultura moderna” (2007), Thompson apresenta a HP dividida em três fases: análise sócio-histórica, análise formal ou discursiva e interpretação/reinterpretação. A primeira consiste em investigar as condições sociais e históricas em que as formas simbólicas foram produzidas. É necessário descrever situações espaço-temporais, reconstruir ambientes ou campos de interação e suas regras, além das instituições sociais. Também se estudam os meios técnicos de construção de mensagens e de transmissão porque as formas simbólicas precisam se adequar a esses meios que, por sua vez, fazem parte de aparatos institucionais que lhe conferem características próprias.

A fase da análise formal ou discursiva investiga a organização interna das formas simbólicas revelando suas características e relações estruturais. A análise pode ser realizada utilizando-se métodos como análise da conversação, semiótica, análise sintática, entre outros. A terceira fase denominada interpretação/reinterpretação consiste em um procedimento que sintetiza a análise formal ou discursiva propondo possíveis significados e referências. “[...] As formas simbólicas representam algo, elas dizem alguma coisa sobre algo, e é esse caráter transcendente que deve ser compreendido pelo processo de interpretação.” (THOMPSON, 2007, p.376).

O autor considerou que o processo de reinterpretação ocorre porque o investigador lida com formas simbólicas que são resultado de uma interpretação da realidade. Thompson afirma que a hermenêutica de profundidade pode projetar significados divergentes daqueles propostos pelos sujeitos analisados. A tarefa interpretativa é aberta e conflituosa e projeta significados possíveis.

### *O enfoque da hermenêutica de profundidade aplicado à comunicação de massa*

A comunicação de massa rompe com a interação entre produção e recepção ao estabelecer um processo assíncrono que prescinde da presença física do receptor, de acordo com Thompson (2007). O autor propôs um “enfoque tríplice” para analisar as formas simbólicas mediadas pelos meios de comunicação de massa. O primeiro diz respeito à produção e transmissão das formas simbólicas por meio de canais de difusão seletiva. Esses meios fazem parte de um contexto sócio-histórico e estão ligados a instituições. O segundo aspecto revela a construção das mensagens de forma complexa e articulada pelos meios de comunicação para que alcancem o grande público.

O terceiro aspecto consiste na recepção ou apropriação das formas simbólicas mediadas. As pessoas também fazem parte de contextos sócio-históricos específicos e mobilizam recursos disponíveis para compreender as mensagens e adequá-las a seu cotidiano. Thompson defende que os três aspectos mencionados resultem em um enfoque compreensivo do estudo da comunicação de massa.

O autor enfatiza que existem vários métodos hermenêuticos e múltiplas interpretações. O sujeito deve considerar que uma interpretação pode ser provada, mas não imposta. Provar significa apresentar razões, fundamentos e evidência sobre sua validade. A imposição implica em obrigar os outros a aceitar sua correção, submetendo o julgamento alheio.

Para tornar uma interpretação válida, Thompson alerta que deve haver condições simétricas de poder para que não ocorra submissão, mas apenas convencimento. O autor revisita a teoria da ação comunicativa de Habermas para estabelecer o “princípio de não-imposição” (2007, p. 411), em que a paridade entre os interlocutores e a relação dialógica permitem a expressão de argumentos e a busca do convencimento mútuo.

Essa regra é condição necessária para estabelecer a validade de uma interpretação, mas insuficiente. Thompson estabelece o “princípio da auto-reflexão” que deve nortear os sujeitos para interpretar as formas simbólicas. Preliminarmente, o hermenêuta interpreta o entendimento cotidiano a respeito desse objeto, o que o autor denominou de *doxa*<sup>2</sup>. A partir do enfoque da HP, o analista (re)interpreta as formas simbólicas de modo a compreender a ideologia e o contexto sócio-histórico que revelam as relações de dominação. Esse movimento questiona o entendimento do cotidiano e pode possibilitar a transformação interpretativa da *doxa*.

Thompson revela o próprio caráter simbólico da interpretação que, envolvendo os sujeitos produtores das formas simbólicas, resulta em um processo aberto. A hermenêutica possui um potencial crítico e evidencia as relações de dominação e de poder, incluindo os sujeitos envolvidos nessas relações.

Finalmente, o autor cita o “princípio de não-exclusão” que se constitui em uma decisão em que todos os sujeitos afetados por ela possam participar da discussão. A justiça e o valor de uma causa são conferidos pelo amplo grau de participação dos envolvidos que tomam posição e decidem. A hermenêutica de profundidade se constitui em uma teoria social orientada para a crítica porque desperta a auto-reflexão dos sujeitos envolvidos no processo.

## **Considerações finais**

A hermenêutica surgiu na tradição clássica com o objetivo de interpretar textos escritos. Ligada ao direito e à teologia, a interpretação possuía caráter normativo até o século XIX, quando Dilthey estabeleceu uma metodologia própria para as ciências humanas que não mais deveriam ser estudadas a partir dos pressupostos das ciências naturais, como defendia Kant.

A chamada “virada hermenêutica” ocorre com Heidegger ao colocar a existência humana como passível de interpretação. O caráter ontológico se sobrepõe à preocupação epistemológica da hermenêutica que estava preocupada em estabelecer critérios para as ciências humanas.

---

<sup>2</sup> A palavra grega *doxa* significa opinião. Os retóricos utilizavam o termo que se oporia ao saber verdadeiro, a *episteme*.

Ao longo da história, a hermenêutica decorre da falta de sentido *a priori* das formas simbólicas e da própria existência humana. O homem tenta compreender a realidade e estabelecer sentidos. Na sociedade contemporânea, marcada pela rápida produção e circulação de informações proporcionada pelos meios de comunicação, surgem formas de interação social e modos de existir passíveis de interpretação.

A partir das mudanças ocorridas no século XX como a crise dos metarrelatos, o grande avanço científico e dos meios de comunicação, constrói-se uma realidade em que a acelerada circulação das informações produz o esfacelamento das verdades erigidas pela razão. O mundo pós-moderno impõe o relativismo, a fragmentação e a efemeridade dos bens, valores e relações. A hermenêutica se debruça sobre a compreensão dessa realidade instável, buscando em sua própria mobilidade, um sentido possível.

## Referências

- DILTHEY, Wilhelm. **Le monde de l'esprit**. Paris: Aubier, 1947.
- FREITAG, Barbara. **A teoria crítica: ontem e hoje**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- HABERMAS, Jürgen. **The theory of communicative action: reason and the rationalization of society**. Boston: Beacon Press, 1984.
- HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem**. Petrópolis, RJ : Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 1973.
- GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- GRONDIN, Jean. **Hermenêutica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- NUNES, Benedito. **Heidegger & Ser e tempo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- RICOEUR, Paul. **Do texto à ação: ensaios de hermenêutica II**. Porto: Rés, 1986.
- \_\_\_\_\_. **Temps et récit III: le temps raconté**. Paris: Seuil, 1985.
- SCHLEIERMACHER, Friedrich. **Herméneutique**. Paris: Labor & Fides, 1988.
- THOMPSON. John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. 7.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- VATTIMO, Gianni. **Para além da interpretação: o significado da hermenêutica para a filosofia**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.

\_\_\_\_\_. **A sociedade transparente.** Lisboa: Relógio d'Água, 1992.

\_\_\_\_\_. **O fim da modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna.** São Paulo: Martins Fontes, 1985.